



**NOTA IMPORTANTE:**

OS EDITORES NÃO SE RESPONSABILIZAM POR MANIFESTAÇÕES DE INSANIDADE  
OU TENTATIVAS DE SUICÍDIO INDUZIDAS PELA LEITURA DESTA OBRA.

---

# *ÍNDICE.*

---



## P R E F Á C I O



- |  |                              |
|--|------------------------------|
| 1. Do Fundo dos Tempos                 | 10. Cinzas                   |
| 2. A Batalha que Pôs Fim a Este Século | 11. O Devorador de Fantasmas |
| 3. O Horror no Cemitério               | 12. Os Mortos Amados         |
| 4. O Diário de Alonzo Typer            | 13. Cego, Surdo e Mudo       |
| 5. A Poesia e os Deuses                | 14. Duas Garrafas Negras     |
| 6. O Caos Rastejante                   | 15. A Armadilha              |
| 7. O Horror no Museu                   | 16. A Árvore na Colina       |
| 8. O Desafio do Além                   | 17. A Exumação               |
| 9. O Horror em Martin's Beach          | 18. Até os Mares...          |
|  | 19. O Oceano Nocturno        |





## : Prefácio :

Reunimos neste último e sétimo volume, com que encerramos a publicação de toda a ficção de H. P. L., textos escritos em colaboração, se bem como revisões de contos escritos por outros autores, ainda que muitos deles, como já foi dito previamente, tenham sido reescritos, em parte ou na sua totalidade, por Lovecraft. O volume inicia-se com mais um conto em colaboração com Hazel Heald, a escritora de contos de terror de Massachusetts. Trata-se de «Do Fundo dos Tempos» onde, mais uma vez, nos surge uma série de elementos típicos da mitologia lovecraftiana, tais como os livros ficcionais aludidos ao longo da sua obra, nomeadamente, *O Livro de Eibon*, o *Necronomicon*, os *Fragmentos* (ou *Manuscritos*) *Pnacóticos* e os *Cultos Inomináveis*. Ainda em colaboração com esta escritora, gostaríamos de salientar «O Horror no Museu», que é sem dúvida uma das obras mais conhecidas. «A Batalha que Pôs Fim a Este Século» é, como será fácil de constatar, uma brincadeira onde surgem, sob pseudónimo, muitos dos escritores do círculo de Lovecraft, tais como Robert E. Howard, Frank Belknap Long, August Derleth e E. Hoffmann Price. No caso de «O Diário de Alonzo Typer», apenas o enredo é da autoria de William Lumley, tendo sido esta obra reescrita na sua totalidade por H. P. L. Uma das curiosidades deste volume é o conto que Lovecraft reviu e editou para Sonia H. Green, uma mulher judia de origem ucraniana com que esteve casado de 1924 a 1926. A história «O Horror em Martin's Beach» trata de um enorme monstro marinho onde existe uma velada alusão a Cthulhu. Os três contos em colaboração com C. M. Eddy, Jr. abordam temáticas favoritas de Lovecraft, especialmente em «Os Mortos Amados» — onde os autores vão ao ponto de abordar uma temática ousada, a necrofilia — e em «Cego, Surdo e Mudo». Clifford Martin Eddy era um escritor de contos de terror, seis anos mais novo do que H. P. L., mas que, tal como ele, era natural de Providence, Rhode Island. Ambos se tornaram amigos e Muriel, a mulher de Eddy, chegou mesmo a passar à máquina muitos dos contos de Lovecraft. O mesmo tipo de amizade também se estendia a Wilfred Blanch Talman,

igualmente originário de Providence que, em 1973, escreveu um pequeno livro intitulado *The Normal Lovecraft*. No início dos anos 30, H. P. L. fez várias revisões para Duane W. Rimel e, segundo o crítico S. T. Joshi, teria escrito todo o terceiro capítulo do conto «A Árvore na Colina», tal como a citação da *Crónica de Nath*. Um autor que parece desviar-se um pouco do género da *pulp-fiction* lovecraftiana é R. H. Barlow. O seu conto «Até os Mares...» aproxima-se mais das distopias que encontramos na ficção científica e «Oceano Nocturno» surge-nos, surpreendentemente, como um longo poema em prosa acerca de estados psicológicos. Barlow, um antropólogo e especialista em história pré-colombiana, tinha apenas dezassete e dezoito anos quando colaborou com Lovecraft nas obras que aqui se apresentam. Acabou por se suicidar em 1951, na sua casa no México.

José Manuel Lopes  
Vau-Óbidos, 2017

## : DO FUNDO DOS TEMPOS<sup>1</sup> :

(com Hazel Heald)

(Manuscrito encontrado entre o espólio do falecido Professor Richard H. Johnson, curador do Museu Cabot de Arqueologia, Boston, Massachusetts)

### I

Não será muito provável que qualquer pessoa em Boston — ou qualquer leitor atento em outras partes — se possa esquecer do estranho caso do Museu Cabot. A publicidade jornalística dada a essa infernal múmia, os antigos e terríveis rumores a ela associados, a mórbida vaga de interesse e actividades de culto durante 1932, e a morte assustadora dos dois intrusos no dia 1 de Dezembro desse mesmo ano, contribuíram para criar um desses mistérios clássicos que têm atravessado várias gerações em termos de relatos orais, e se transformaram no núcleo de séries completas de horríveis especulações.

Todos, também, se parecem dar conta de que algo de muito vital e hediondamente indizível teria sido suprimido nas reportagens públicas dos horrores que aí atingiram o seu auge. Essas primeiras e inquietantes insinuações, relacionadas com a *condição* de um ou dois corpos, foram postas de lado e ignoradas de um modo apressado — e nem sequer as singulares *modificações* nessa múmia foram seguidas como seria de esperar, dado o valor de tais notícias. Também acabou por surpreender toda a gente, como sendo bastante estranho, que essa mesma múmia nunca mais tivesse sido colocada no seu sarcófago. Nesses dias em que já eram bem conhecidas as técnicas de taxidermia, a desculpa de que o cadáver se estava a desintegrar muito rapidamente, para ser exposto, acabou por não convencer ninguém.

---

<sup>1</sup> Publicado pela primeira vez em *Weird Tales*, 25, N.º 4, Abril de 1935, com o título original «Out of Aeons».

Como curador do museu, encontro-me na posição de poder revelar todos os factos suprimidos, mas não irei fazê-lo durante a minha vida. Há coisas acerca do mundo e do universo que será melhor que a maioria nunca venha a conhecer, e ainda não mudei a opinião a que todos nós chegámos — pessoal do museu, médicos, repórteres e polícias — durante esse período de terror. Contudo, ao mesmo tempo, parece-me legítimo que um assunto de tão elevada importância científica e histórica não fique totalmente por narrar — daí este relato que eu preparei para benefício dos estudiosos mais sérios e empenhados. Irei colocá-lo entre vários documentos a serem examinados após a minha morte, deixando que os meus executores testamentários disponham dele de uma forma discreta e apropriada. Algumas ameaças e acontecimentos pouco normais, durante as últimas semanas, levam-me a acreditar que a minha vida — tal como a de outros empregados do museu — se encontra em perigo, devido à inimizade de vários cultos secretos muito difundidos entre asiáticos, polinésios e heterogéneos devotos místicos; logo, é possível que o trabalho dos executores não se possa adiar por muito tempo. [Nota do executor testamentário: o Professor Johnson morreu subitamente de um misterioso ataque de coração, a 22 de Abril de 1933. Wentworth Moore, o taxidermista do museu, desapareceu por volta de meados do mês prévio. A 18 de Fevereiro do mesmo ano, o Dr. William Minot, que dirigia uma dissecação relacionada com o caso, foi apunhalado nas costas, tendo morrido no dia seguinte.]

O verdadeiro início desses horríveis acontecimentos foi, segundo penso, em 1879 — muito antes da minha actividade como curador —, logo que o museu adquiriu essa terrível e inexplicável múmia da Companhia Oriental de Exportação. A sua própria descoberta foi monstruosa e ameaçadora, pois provinha de uma cripta de origem desconhecida e de uma fabulosa antiguidade, num pedaço de terra que se elevara subitamente do fundo do oceano Pacífico.

A 11 de Maio de 1878, o capitão Charles Weatherbee do cargueiro *Eridanus*, que saíra de Wellington, na Nova Zelândia, com destino a Valparaíso, no Chile, avistou uma nova ilha que não constava de nenhuma carta de navegação e que deveria ser, decerto, de origem vulcânica. Projectava-se claramente fora do mar sob a forma de um cone truncado. Um grupo de marinheiros, sob as ordens do capitão Weatherbee, notou marcas nas encostas abruptas que conseguiram trepar, que provavam

que estas estavam há muito imersas, enquanto no topo se notavam sinais de uma destruição recente, como se provocada por um terramoto. Por entre as ruínas espalhadas, havia enormes pedras com uma forma claramente artificial, e um breve exame revelou a presença dessa ciclópica alvenaria pré-histórica encontrada em algumas ilhas do Pacífico, que ainda hoje constitui um perpétuo enigma arqueológico.

Por fim, os marinheiros entraram numa imponente cripta de pedra — que se pensou ser parte de um edifício muito maior e ter estado em tempos mais enterrada na terra — num canto da qual se acocorava a temível múmia. Após um breve momento de verdadeiro pânico provocado por certas marcas cinzeladas nas paredes, os homens convenceram-se a trazer essa múmia para o navio, embora lhe tivessem tocado apenas com receio e desprezo. Perto do corpo, como se tivesse estado preso nas suas vestes, havia um cilindro de um metal não-identificável, que continha um rolo de uma fina membrana azul-clara de uma natureza igualmente desconhecida, inscrita com estranhos caracteres feitos como um pigmento acinzentado e raro. No centro do vasto chão lajeado havia o que parecia ser a porta de um alçapão; contudo, essa equipagem não dispunha de instrumentos suficientemente resistentes para a mover.

O Museu Cabot, que fora inaugurado há pouco tempo, teve conhecimento das parcas reportagens acerca dessa descoberta, e tomou logo medidas para adquirir a múmia e o cilindro. O curador Pickman fez uma viagem por sua conta a Valparaíso e tentou equipar uma escuna para poder procurar a cripta onde esse objecto fora encontrado, embora não tivesse sido bem-sucedido. No ponto em que se marcara a posição dessa ilha, nada mais existia senão mar a perder de vista, e os que a procuravam em breve se deram conta de que as mesmas forças sísmicas que a tinham feito emergir subitamente, a tinham arrastado em seguida para a escuridão das águas onde permanecera durante épocas imemoriais. O segredo da porta desse alçapão nunca seria revelado. Contudo, ainda lhes restava a múmia e o cilindro, e essa fora posta em exposição nos princípios de Novembro de 1879, na sala das múmias do museu.

O Museu Cabot de Arqueologia, que se especializa em vestígios de civilizações antigas e desconhecidas que não se inserem no domínio da arte, é uma pequena instituição com pouca fama, ainda que muito considerada nos círculos científicos. Situa-se no centro de Beacon Hill — o



exclusivo bairro de Boston, na Mount Vernon Street, perto da Joy — instalado no que fora uma mansão particular com uma extensão acrescentada nas traseiras. Fora um motivo de orgulho para os seus austeros vizinhos até que os recentes e terríveis acontecimentos lhe trouxessem uma notoriedade indesejável.

A sala das múmias, na parte leste da mansão original (que fora desenhada por Bullfinch e erigida em 1819), no segundo andar, é devidamente conhecida por historiadores e antropólogos como reunindo a melhor colecção do seu género na América. Aí se poderiam encontrar exemplos típicos do embalsamamento egípcio desde os mais antigos espécimes de Sacara às últimas tentativas coptas do século VIII; múmias de outras culturas, incluindo os espécimes índios pré-históricos encontrados recentemente das Ilhas Aleutas; agonizantes figuras de Pompeia, moldadas em gesso, a partir das trágicas partes ocas deixadas nas cinzas asfixiantes; corpos mumificados naturalmente retirados de minas e outras escavações em todas as partes da terra — algumas surpreendidas pelo seu terrível enterro em vida, em posturas grotescas provocadas pelos seus últimos momentos de desespero — em suma, tudo o que se pudesse esperar que uma colecção desse género contivesse. Em 1879, é claro, não era tão completa como a que poderemos ver agora, e contudo, era um conjunto digno de nota, mesmo nessa altura. Porém, o elemento chocante proveniente dessa primeva cripta ciclópica, numa ilha efémera vomitada pelo mar, constituía sempre a atracção principal e o seu mistério mais impenetrável.

A múmia era de um homem de estatura média de uma raça desconhecida e encontrava-se acorçada numa posição peculiar. O rosto, meio escondido por mãos semelhante a garras, tinha um maxilar inferior muito saliente, enquanto as suas enrugadas feições revelavam uma expressão tão hedionda de medo que poucos visitantes a poderiam observar sem se sentirem perturbados. Os olhos estavam fechados, com as pálpebras muito bem cerradas sobre órbitas aparentemente saídas e proeminentes. Ainda apresentava pedaços de cabelo e de barba, e a sua cor geral era a de uma espécie de cinzento baço e neutro. Quanto à sua textura, poder-se-ia dizer que era parte couro e parte pedra, formando assim um enigma insolúvel para os especialistas que tentavam explicar de que modo fora embalsamada. Em certos lugares, revelava pedaços que tinham sido devorados pelo tempo ou pela decomposição. Trapos



de um tecido peculiar, com sugestões de padrões desconhecidos ainda vestiam esse objecto.

Era difícil dizer o que a tornava tão tremendamente hedionda e repulsiva. Para começar, transmitia de um modo subtil uma impressão de antiguidade ilimitada e uma certa qualidade alienígena que nos afectava como se estivéssemos à beira de um monstruoso abismo de insondável escuridão — mas, sobretudo, parecia ser provocada pela expressão de medo extremo nesse rosto enrugado, de queixo saído, semioculto pelas mãos. Esse símbolo de infinito medo cósmico, inumano, não poderia deixar de comunicar a quem o visse uma certa emoção por entre essa perturbante nuvem de mistério e vã conjectura.

Entre as mentes mais sofisticadas que frequentavam o Museu Cabot, essa relíquia de um mundo antigo e esquecido em breve adquiriu uma aura de maldição, embora o requinte e a discrição dessa instituição prevenisse que tal objecto se tornasse uma sensação popular do género do «Gigante de Cardiff». No último século, a arte das mais agressivas vulgaridades ainda não invadira o campo da academia tal como acontece hoje em dia. Como seria de esperar, intelectuais de vários tipos tentaram classificar, o melhor que podiam, esse objecto assustador, ainda que sem sucesso. Teorias acerca de uma civilização desaparecida do Pacífico, de que as imagens da Ilha de Páscoa e os megálitos de pedra de Ponape e Nan-Matol são vestígios concebíveis, circulavam livremente entre os estudantes, e várias revistas académicas exibiam por vezes algumas especulações contraditórias acerca de um possível continente muito antigo cujos picos teriam sobrevivido, formando as miríade de ilhas da Melanésia e da Polinésia. A diversidade de datas atribuídas a essa hipotética cultura desaparecida — ou continente — era ao mesmo tempo intrigante e divertida. Contudo, algumas alusões relevantes e surpreendentes foram encontradas em certos mitos do Taiti e de outras ilhas.

Entretanto, o estranho cilindro e o seu intrigante manuscrito de hieróglifos desconhecidos, cuidadosamente preservado na biblioteca do museu, recebeu a sua justa parte de atenção. Ninguém duvidava de que este estivesse intimamente associado a essa múmia, logo, todos concluíram que ao desvendarem o seu mistério, o dessa horrível coisa enrugada também seria desvendado. O cilindro, com cerca de oito centímetros de comprido por um de diâmetro, era de um metal estranhamente iridescente que parecia desafiar todas as análises químicas e ser resisten-

te a todos os reagentes. Estava tapado com uma tampa feita da mesma substância, e tinha gravuras de um tipo claramente decorativo e talvez simbólico — desenhos convencionais que pareciam estar de acordo com um sistema de geometria alienígena, paradoxal, que dificilmente poderia ser descrito.

Não menos misterioso era o manuscrito que continha — um rolo de uma fina membrana azul-clara, capaz de resistir a qualquer análise, enrolado em torno de uma fina haste de metal, semelhante ao do cilindro, e que se poderia desdobrar cerca de meio metro. Os grandes e bem nítidos hieróglifos estendiam-se ao longo de uma linha no centro do rolo e pareciam ter sido escritos ou pintados com um pigmento cinzento que ninguém conseguiu identificar. Estes não se assemelhavam a qualquer coisa conhecida pelos linguistas e paleógrafos, e ninguém conseguia decifrá-los, ainda que dele se tivessem enviado cópias fotografadas para cada especialista no devido ramo.

É certo que alguns estudiosos, muito bem versados na literatura do ocultismo e da magia, encontraram certas parencas entre certos hieróglifos e alguns símbolos primevos descritos ou citados em dois ou três textos muito antigos, obscuros e esotéricos, tais como o *Livro de Eibon*, que se diz ter vindo da esquecida Hiperbórea<sup>2</sup>; os Fragmentos Pnacóticos<sup>3</sup>, que se dizem preceder a Humanidade; e o monstruoso e proibido *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred<sup>4</sup>. Contudo, nenhuma dessas semelhanças se apresentava como sendo indisputável e, devido à falta de estatuto e prestígio que normalmente se atribui aos estudos do oculto, nenhum esforço foi feito para que cópias desses hieróglifos fossem parar às mãos de certos especialistas em assuntos místicos. Se tal tivesse ocorrido logo a princípio, a história mais tardia desse caso talvez tivesse sido muito diferente. De facto, um exame desses hieróglifos por parte de qualquer leitor do horrível *Cultos Inomináveis* de Von Juntz<sup>5</sup> teria aí podido estabelecer uma ligação de um inconfundível significado. Nessa época, todavia, os leitores dessa blasfémia monstruosa eram ainda muito

---

<sup>2</sup> Livro inventado por Clark Ashton Smith, também conhecido pelo título em latim, *Liber Ivonis*, ou pelo título francês *Livre d'Eibon*.

<sup>3</sup> Os Fragmentos Pnacóticos (ou Manuscritos Pnacóticos) formam um tomo de manuscritos ficcionais criado por H. P. Lovecraft.

<sup>4</sup> Outra criação de H. P. Lovecraft.

<sup>5</sup> Outro livro fictício criado por Robert E. Howard, também conhecido como *Livro Negro* ou como *Unaussprechlichen Kulten*.

poucos, dado que havia um número muito reduzido de exemplares no intervalo que se situou entre a supressão da edição original de Düsseldorf (1839) e a tradução de Bridewell (1845), e a publicação da sua reedição expurgada pela Golden Goblin Press, em 1909. Praticamente, nenhum ocultista ou estudioso das tradições esotéricas do passado primevo chegou a ser consultado acerca do estranho manuscrito, senão quando da recente celeuma provocada pelo jornalismo sensacionalista que acabou por precipitar o horrível clímax.

## II

Deste modo, todo esse assunto foi deslizando durante meio século, após terem instalado essa assustadora múmia no museu. Esse objecto mórbido adquiriu uma certa celebridade entre os habitantes de Boston mais cultivados, mas não mais do que isso; enquanto a existência do cilindro e do rolo manuscrito acabou por ser praticamente esquecido, após uma década de vãs pesquisas. Tão discreto e conservador era o Museu Cabot, que nenhum repórter, ou escritor de comentários jornalísticos, alguma vez pensou invadir esse local em busca de material sensacionalista.

Esse tipo de prosa surgiu apenas na Primavera de 1931, quando uma aquisição de uma natureza até certo ponto espectacular — a de estranhos objectos e corpos inexplicavelmente preservados encontrados em criptas, sob as quase desaparecidas e malévolas ruínas que tornaram famoso o Château Fausseflamms, na Averoine<sup>6</sup>, em França — trouxe, com uma certa proeminência, o museu para as colunas dos jornais. Fiel às suas técnicas agressivas, o *Boston Pillar* enviou um jornalista, responsável pelos números de domingo, a fim de se encarregar dessa notícia e para a empolar um pouco com uma exagerada reportagem geral acerca da própria instituição. Esse jovem escritor — chamava-se Stuart Reynolds — mencionou essa múmia sem nome como sendo algo sensacional muito superior às aquisições que o seu artigo deveria cobrir. Uma certa dose de Teosofia e um interesse pelas especulações de indivíduos,

---

<sup>6</sup> Província francesa criada por Clark Ashton Smith.

tais como o coronel Churchward<sup>7</sup> e Lewis Spence<sup>8</sup>, acerca de continentes perdidos e primevas civilizações esquecidas, fez com que Reynolds ficasse particularmente atento a qualquer relíquia vinda do fundo dos tempos, tal como o provava ser essa múmia desconhecida.

No museu, o repórter tornou-se bastante incomodativo devido às suas perguntas constantes, nem sempre inteligentes, e aos seus repetidos pedidos para que retirassem certos objectos dos expositores, para que ele os pudesse fotografar de acordo com perspectivas menos comuns. Na sala da cave da biblioteca, examinou com todo o vagar o estranho cilindro de metal e o membranoso manuscrito aí contido, fotografando-o de todos os ângulos possíveis e assegurando-se de que todo o estranho texto em hieróglifos ficaria registado. Do mesmo modo, pediu para ver todos os livros que se relacionassem com culturas primitivas e continentes afundados, sentando-se aí durante três horas, a tomar notas, e abandonando essa tarefa para se dirigir rapidamente a Cambridge a fim de poder consultar (caso obtivesse permissão) o amaldiçoado e proibido *Necronomicon* na Biblioteca Widener.

A 5 de Abril, o artigo apareceu no número de domingo do *Pillar*, cheio de fotografias da múmia, do cilindro, e do manuscrito de hieróglifos, redigido no típico estilo piegas e infantil que o *Pillar* prefere, para bem da sua vasta clientela de leitores imaturos. Cheio de erros, de exageros, de sensacionalismo, era precisamente o género de coisa destinada a excitar o interesse passageiro e desmiolado do rebanho. Assim, como resultado, o museu que em tempos fora tão sossegado, começou a encher-se da conversa e dos olhos estupidamente arremelgados de certas multidões, tal como os seus austeros corredores nunca antes tinham conhecido.

Também havia alguns estudiosos inteligentes que o visitavam, apesar do tom pueril desse artigo — pois as fotografias falavam por si mesmas —, e há muitas pessoas sérias que por vezes lêem o *Pillar* acidentalmente. Ainda me lembro de um indivíduo muito estranho que apareceu em Novembro, um homem muito moreno, de turbante e barba cerrada, com uma voz forçada e pouco natural, uma expressão curiosa no rosto, mãos desajeitadas cobertas com mitenes brancas, que indicou como

---

<sup>7</sup> Referência ao britânico James Churchward, estudioso do oculto e interessado por civilizações perdidas.

<sup>8</sup> Intelectual escocês interessado pelo oculto e pela Atlântida.

morada um tugúrio do West End e dizia chamar-se «Swami Chandraputra»<sup>9</sup>. Esse sujeito era extremamente erudito no que se prendia com o oculto, e ficou profunda e solenemente comovido com a semelhança dos hieróglifos, que constavam nesse rolo, com alguns sinais e símbolos de um antiquíssimo mundo perdido sobre o qual ele parecia possuir um vasto conhecimento intuitivo.

Por meados de Junho, a fama da múmia e do manuscrito já se difundira muito para além de Boston, e o museu recebia pedidos de fotografias por parte de ocultistas e estudiosos dos arcanos em vários locais do mundo. Isso não era nada do agrado do nosso pessoal, dado que somos uma instituição científica sem grande paciência nem empatia para com os sonhadores do fantástico. Contudo, respondemos com civilidade a todos esses pedidos. Um dos resultados foi um artigo académico na *The Occult Review*, da autoria do místico famoso de Nova Orleães Étienne-Laurent de Marigny<sup>10</sup>, no qual se afirmava a clara semelhança de alguns dos estranhos desenhos geométricos, no cilindro iridescente, e de alguns hieróglifos, nessa superfície membranosa, com certos ideogramas de horrível significado (transcritos de monólitos primevos ou dos rituais secretos de bandos subterrâneos de iniciados e devotos do esoterismo) reproduzidos no infernal e proibido *Livro Negro* ou *Cultos Inomináveis* de Von Juntz.

Marigny lembrou a morte horrível de Von Juntz em 1840, um ano após a publicação do terrível volume em Düsseldorf, comentando certas suspeitas e estranhas fontes de informação capazes de nos gelar o sangue. Acima de tudo, dava ênfase à enorme relevância dos contos aos quais Von Juntz ligava a maioria dos monstruosos ideogramas que reproduzira. Que esses contos, em que um cilindro e um rolo manuscrito eram claramente mencionados, se pareciam relacionar com esses objectos no museu, era algo que ninguém poderia negar. Contudo, estes eram de uma tal extravagância — envolvendo tais inacreditáveis saltos no tempo e anomalias tão fantásticas de um mundo há muito esquecido —, que os poderíamos mais facilmente admirar do que *acreditar* neles.

Ora, admirá-los, era uma coisa que o público decerto continuava a

---

<sup>9</sup> Uma das personagens principais de «Através dos Portais da Chave de Prata» de H. P. Lovecraft.

<sup>10</sup> Outra referência a uma personagem de «Através dos Portais da Chave de Prata» de H. P. L.

fazer, pois as suas reproduções circulavam na imprensa de todo o mundo. Artigos ilustrados apareciam, vindos de todo o lado, relatando ou pretendendo relatar as lendas do *Livro Negro* e não poupando palavras em relação ao que se prendia com o terror que essa múmia inspirava. Também comparavam os desenhos no cilindro e os hieróglifos com as figuras reproduzidas por Von Juntz, entregando-se às mais loucas e sensacionais teorias e especulações. A frequência desse museu triplicou, e a grande difusão de todo o interesse recentemente despertado foi atestada pela quantidade de correspondência relacionada com o mesmo — a maior parte inane e supérflua — que esse museu continuava a receber. Aparentemente, a múmia e a sua origem constituíam — para as pessoas mais imaginativas — um verdadeiro rival do tópico mais abrangente, ou seja, a Grande Depressão, durante os anos de 1931 e 1932. Quanto a mim, o resultado mais imediato de todo esse furor foi o de me fazer ler o monstruoso livro de Von Juntz na edição da Golden Goblin — uma leitura rápida que me deixou tonto e cheio de náuseas, contudo agradecido por ter sido poupado às infâmias que constariam da versão sem supressões desse texto.

### III

Os murmúrios arcaicos que se transcreviam no *Livro Negro* e se relacionavam com os desenhos e símbolos, tão semelhantes aos que apareciam no manuscrito e no cilindro, eram de facto de uma natureza capaz de nos manter, senão quase hipnotizados, pelo menos cheios de admiração e fascínio. Saltando incríveis abismos no tempo — para lá de todas as civilizações, raças e terras que conhecemos —, pareciam reunir-se em torno de uma nação e de um continente desaparecidos durante os fabulosos e nebulosos anos do começo... ou seja, do local a que as lendas designaram com o nome de Mu, e do qual velhas tabuinhas escritas na primitiva língua naacal nos dizem ter florescido há cerca de 200 mil anos, quando a Europa era apenas habitada por seres híbridos e a perdida Hiperbórea conhecia o culto do negro e amorfo Tsathoggua<sup>11</sup>.

Mencionava-se um reino e uma província chamada K'naa numa terra ancestral onde os primeiros seres humanos tinham encontrado ruínas

---

<sup>11</sup> Divindade do panteão lovecraftiano.

monstruosas, deixadas por quem as tinha habitado, vagas ondas de entidades vindas das estrelas e que viveram verdadeiras eternidades num mundo esquecido mas em constante nascimento. K'naa era um lugar sagrado desde que da sua região central as sombrias escarpas de basalto do Monte Yaddith-Gho levantaram orgulhosamente as suas cristas para o céu. Nelas, havia uma gigantesca fortaleza de pedras ciclópicas, bem mais velha do que a Humanidade e construída pela escura prole vinda do planeta Yuggoth<sup>12</sup>, que colonizara a terra muito antes do aparecimento dos seres humanos.

A prole de Yuggoth já perecera há épocas imemoriais, mas deixara atrás de si uma coisa viva, monstruosa e terrível, que nunca poderia morrer — o seu deus demoníaco ou patrono, Ghatanothoa<sup>13</sup>, que viveu quase eternamente e escondido nas criptas sob essa fortaleza em Yaddith-Gho. Nenhum ser humano alguma vez escalara tais escarpas ou vira esse blasfemo recinto fortificado, a não ser como um anormal horizonte desenhado contra o céu. Não obstante, a maioria é da opinião que Ghatanothoa ainda aí existia, escavando túneis e protegendo-se em abismos insuspeitos sob essas muralhas megalíticas. Sempre houve quem pensasse que deveria fazer sacrifícios a Ghatanothoa, para que tal divindade não regressasse das profundezas para errar horrivelmente através do mundo dos homens como o fizera antes através do mundo da prole de Yuggoth.

Dizia-se que se não houvesse vítimas que lhe fossem oferecidas, Ghatanothoa acabaria por sair lentamente, como um líquido infiltrado, para a luz do dia e deslizar pelas escarpas de basalto de Yaddith-Gho, trazendo a destruição de tudo o que pudesse encontrar. Pois nenhum ser humano poderia contemplar Ghatanothoa ou qualquer imagem dele, por mais pequena que fosse, sem se expor a uma série de mudanças piores do que a própria morte<sup>14</sup>. Verem o deus ou a sua imagem, como toda a prole de Yuggoth afirmava, poderia significar parálise ou petrificação de um modo particularmente chocante, em que as vítimas eram transformadas em pedra e em couro exteriormente, enquanto o cérebro das mesmas permanecia vivo — horrivelmente vivo e aprisionado através

---

<sup>12</sup> Nome com que Lovecraft designava o planeta Plutão, descoberto em 1930.

<sup>13</sup> Um dos Grandes Anciões de Lovecraft.

<sup>14</sup> Por esse motivo, poderemos ainda hoje encontrar crenças semelhantes entre os judeus e os muçulmanos.



dos tempos, e louca e dolorosamente consciente da passagem de épocas intermináveis e de uma irremediável inacção, até que o acaso ou o tempo pudessem completar a degradação do invólucro petrificado, permitindo assim o início da morte. Muitos dos cérebros, tal como seria expectável, iriam enlouquecer muito antes desse eterno alívio se poder concretizar. Nenhum olhar humano, dizia-se, alguma vez contemplara Ghatanothoa, embora o perigo fosse agora tão grande como o fora para a prole de Yuggoth.

De modo que havia um culto em K'naa que adorava Ghatanothoa e que cada ano lhe sacrificava doze jovens guerreiros e doze donzelas. Estas vítimas eram oferecidas em altares flamejantes, no templo de mármore junto à base da montanha, pois ninguém se atrevia a subir as escarpas de basalto de Yaddith-Gho ou a aproximar-se do forte ciclópico e pré-humano na sua crista. Grande era o poder dos sacerdotes de Ghatanothoa, dado que era deles que dependia a preservação de K'naa e a de toda a terra de Mu, protegida da força petrificante de Ghatanothoa ao emergir das suas cavernas desconhecidas.

Havia nessa terra cerca de cem sacerdotes desse Deus Escuro, sob a tutela de Imash-Mo, o arqui-sacerdote, que desfilavam diante do rei Thabon durante a festa de Nath, e que ficavam orgulhosamente de pé enquanto o rei se ajoelhava no santuário dórico. Cada um desses oficiais religiosos tinha uma casa de mármore, uma arca de ouro, duzentos escravos e cem concubinas, para além de uma plena imunidade perante a lei, e do poder de vida e de morte sobre os habitantes de K'naa, exceptuando os sacerdotes e o rei. Contudo, apesar destes defensores, havia sempre o medo de que Ghatanothoa emergisse das profundezas e deslizasse ferozmente pela montanha para trazer com ele o horror e a petrificação da Humanidade. Nos anos mais tardios, os sacerdotes chegaram mesmo a proibir os homens de adivinhar ou imaginar qual seria o seu aspecto assustador.

Foi no ano da Lua Vermelha (cerca de 173148 a.C. segundo Von Juntz) que um ser humano se atreveu, pela primeira vez, a desafiar Ghatanothoa e a sua inominável ameaça. Este herético corajoso era T'yog, arqui-sacerdote de Shub-Niggurath<sup>15</sup> e guardião do templo de cobre da Cabra com as suas Mil Crias. T'yog meditara durante muito tempo no poder dos vários deuses e já tivera estranhos sonhos e revelações rela-

---

<sup>15</sup> Outro Deus do panteão lovecraftiano.

cionados com a vida do mundo dele e de outros anteriores. No final, estava confiante que os deuses amigos do homem poderiam ser reunidos contra os deuses hostis, e acreditava que Shub-Niggurath, Nug, Yeb e também Yig, o deus-serpente, estariam prontos a juntar-se aos humanos contra a tirania e presunção de Ghatanothoa.

Inspirado pela Deusa Mãe, T'yog escreveu uma estranha fórmula no hierático naacal da sua ordem religiosa, que ele acreditava manter imune quem a possuísse do poder petrificante do Deus Escuro. Com essa protecção, reflectiu ele, talvez fosse possível a um homem corajoso subir as temidas escarpas de basalto e ser o primeiro de todos os seres humanos a entrar na fortaleza ciclópica debaixo da qual Ghatanothoa se dizia residir. Uma vez diante desse deus e com o poder de Shub-Niggurath e dos seus filhos a seu lado, T'yog acreditava que poderia levar o seu desígnio a bom porto e libertar a Humanidade dessa ameaça adormecida. Após a libertação através do seu esforço, não haveria limite para as honras que pudesse vir a acumular. Todas as honras que eram dadas aos sacerdotes de Ghatanothoa decerto seriam transferidas para ele, e talvez a facto de vir a ser feito rei ou eleito como um deus pudesse estar ao seu alcance.

De modo que T'yog escreveu a sua fórmula protectora num rolo feito de membrana *pthagon* (de acordo com Von Juntz, a pele interior do extinto lagarto *yakith*), colocando-a dentro de um cilindro gravado de metal *lagh* — o metal que os Anciães tinham trazido de Yuggoth e que não se encontrava em nenhuma mina da terra. Esse amuleto, que ele transportava na sua roupa, protegê-lo-ia contra a ameaça de Ghatanothoa — salvaria mesmo as vítimas petrificadas do Deus Escuro, caso essa entidade monstruosa emergisse e iniciasse a sua devastação. Assim, propôs-se a subir a essa amaldiçoada montanha que ninguém percorreria, entrar nessa ciclópica cidadela de pedra e confrontar essa entidade demoníaca na sua toca. O que se seguiria nem ele mesmo poderia imaginar; mas a esperança de vir a ser o salvador da Humanidade dava mais força à sua resolução.

No entanto, ele não contara com o ciúme nem com o interesse próprio dos bem instalados sacerdotes de Ghatanothoa. Estes, logo que ouviram falar no seu plano — temendo pelo seu prestígio e privilégios, caso esse Deus-Demónio fosse destronado —, levantaram um grande clamor contra o que viam como sendo um sacrilégio, afirmando que nenhum

homem poderia enfrentar Ghatanothoa, e que qualquer tentativa para saber onde ele se acoitava só o iria provocar a proceder a uma infernal matança da Humanidade, algo que nenhum amuleto ou saber sacerdotal poderiam prevenir. Com essas objecções esperavam que o público tomasse uma posição contra T'yog. No entanto, o povo estava tão ansioso por se ver livre de Ghatanothoa e tão cheio de confiança nos dotes e no zelo de T'yog, que todos esses protestos acabaram por ser ignorados. Até o rei, que geralmente se comportava como uma marioneta dos sacerdotes, se recusou a proibir a peregrinação de T'yog.

Foi então que os sacerdotes Ghatanothoa fizeram pela calada o que não poderiam ter feito abertamente. Uma noite, Imash-Mo, o arqui-sacerdote, foi até à câmara do templo de T'yog, roubando-lhe o cilindro de metal enquanto ele dormia. Em silêncio, retirou o manuscrito que aí se encontrava, pondo no seu lugar um outro muito semelhante, contudo suficientemente diferente para não ter qualquer poder contra não importaria que deus ou demónio. Quando o cilindro voltou a ser colocado na capa desse homem adormecido, Imash-Mo sentiu-se muito contente, pois sabia que T'yog talvez não voltasse a verificar os conteúdos desse cilindro. Pensando estar protegido pelo verdadeiro manuscrito, o herético subiria a essa montanha proibida até chegar junto dessa Presença Demoníaca, e Ghatanothoa, que já não estaria sujeito a qualquer espécie de magia, tomaria conta do resto.

Já não seria necessário que os sacerdotes de Ghatanothoa pregassem contra esse desafio. Que T'yog fizesse o que quisesse e se sujeitasse ao resultado das suas acções... Secretamente, esses sacerdotes iriam sempre adorar esse rolo manuscrito roubado — esse amuleto verdadeiramente poderoso — passando-o através das gerações de arqui-sacerdotes, para ser usado num possível futuro em que pudesse vir a ser necessário para neutralizar a vontade desse Deus-Demónio. Assim, durante o resto da noite, Imash-Mo dormiu em paz, com o manuscrito dentro de um novo cilindro onde o iria manter.

Foi no Dia das Chamas no Céu (nomenclatura que Von Juntz não definiu) que T'yog, entre as orações e os cânticos do povo e com a bênção do rei Thabon, começou a subir a essa montanha com um báculo de madeira especial na sua mão direita. Nos seus trajos, transportava o cilindro que ele acreditava conter o verdadeiro amuleto, pois não se dera conta do que se passara. Nem sequer viu qualquer ironia nas orações que

Imash-Mo e os outros sacerdotes de Ghatanothoa entoavam para que ele fosse bem-sucedido.

Durante toda a manhã, o povo ficou aí de pé a ver, à medida que a silhueta de T'yog se ia tornando cada vez mais pequena, subindo essa amaldiçoada encosta de basalto, que alguém jamais percorrera, e onde uma extremidade perigosa conduzia ao lado oculto da montanha. Nessa noite, alguns sonhadores mais sensíveis julgaram sentir um vago tremor de terra vindo desse cume, embora a maioria os tivesse ridicularizado. No dia seguinte, uma vasta multidão pôs-se a olhar para a montanha e a rezar, pensando se o regresso de T'yog seria ainda muito demorado. E assim o fizeram dia após dia. Durante semanas esperaram por ele e depois choraram. Nunca mais alguém voltou a ver esse sacerdote de Shub-Niggurath que iria salvar a Humanidade dos seus medos.

Dai em diante, as pessoas tremiam quando se falava na presunção de T'yog, tentando nem sequer pensar no castigo que se teria abatido sobre ele. E os sacerdotes de Ghatanothoa sorriam para aqueles que se revoltavam contra a vontade do seu deus ou pusessem em causa a grande vantagem dos sacrifícios. Anos mais tarde, a esperteza de Imash-Mo tornou-se conhecida, contudo isso em nada alterou a crença de que seria melhor que ninguém desafiasse Ghatanothoa. Mais nenhum, de facto, se atreveu a fazê-lo. De modo que as épocas foram passando, reis sucederam a reis, e arqui-sacerdotes a outros, nações surgiram e desapareceram, e terras emergiram do mar ou se afundaram nele. E ao fim de muitos milénios, K'naa entrou em decadência, até que por fim, num hediondo dia de tempestade e trovões, grandes tremores de terra e ondas do tamanho de montanhas fizeram com que toda a terra de Mu se afundasse para sempre nas águas do oceano.

E contudo, vindos do fundo dos tempos, esses antigos segredos voltaram a surgir. Em terras distantes encontram-se fugitivos de rostos acinzentados que tinham sobrevivido às raivas desse mar, e estranhos céus beberam o fumo de altares erigidos a deuses e a demónios perdidos. Embora nenhum deles soubesse a que profundidade infinita esse cume sagrado e a ciclópica fortaleza do temível Ghatanothoa estariam submersos, ainda havia quem murmurasse o seu nome e lhe oferecesse inomináveis sacrifícios, para que ele não voltasse a surgir dessas léguas de profundidade para errar entre a Humanidade, espalhando o horror e a petrificação.

Em torno dos sacerdotes dispersos foram crescendo os rudimentos de um culto tremendo e secreto — secreto, dado que o povo das novas terras tinha outros deuses e demónios, e apenas pensava o pior dos que eram mais antigos e estrangeiros — e, no interior desse culto, muitas coisas horrendas começaram a ser feitas e muitos objectos estranhos a ser adorados. Havia quem dissesse que uma certa linhagem de elusivos sacerdotes ainda guardava o verdadeiro amuleto contra Ghatanothoa, o mesmo que Imash-Mo roubara ao adormecido T'yog, embora já não houvesse uma única pessoa que pudesse ler ou perceber essas crípticas sílabas, ou que conseguisse mesmo adivinhar em que parte do mundo a perdida K'naa, o temível cume de Yaddith-Gho e a fortaleza titânica do Deus-Demónio teriam existido.

Embora tivesse florescido principalmente nas regiões do Pacífico em torno das quais Mu em tempos de estendia, havia rumores acerca do secreto e odioso culto de Ghatanothoa na condenada Atlântida e no detestável planalto de Leng. Von Juntz insinuou a sua presença no reino subterrâneo de K'n-yan, fornecendo claros dados de que penetrara no Egipto, na Caldeia, na Pérsia, na China, nos esquecidos impérios semitas da África, e no México e no Peru, no Novo Mundo. Que estava relacionado com os movimentos de feitiçaria na Europa, contra os quais as bulas dos papas eram em vão dirigidas, foi algo a que ele não cessou de dar ênfase. O Ocidente, no entanto, nunca foi muito favorável à sua difusão e a indignação pública — atizada por vislumbres de hediondos rituais e por sacrifícios inomináveis — veio a pôr termo a muitos dos seus ramos. Por fim, acabou por se tornar numa adoração perseguida e duplamente secreta, se bem que o seu núcleo nunca tivesse sido totalmente exterminado. Sem se saber como, acabava sempre por sobreviver, especialmente no Oriente mais distante e nas ilhas do Pacífico, onde os seus ensinamentos se vieram a fundir com a tradição esotérica dos areoi da Polinésia.

Von Juntz deixou-nos subtis e inquietantes pistas capazes de nos permitirem contactar esse culto, de modo que, à medida que o vou lendo, tremo só de pensar no que se disse acerca da sua morte. Ele falou na expansão de certas ideias no que dizia respeito à aparência do Deus-Demónio — uma criatura que nenhum ser humano (a não ser o demasiado atrevido T'yog que nunca regressou) alguma vez viu — e contrastou este hábito especulativo com o tabu prevalente no antigo continente de Mu, contra qualquer tentativa de se querer imaginar o aspecto desse horror.

Havia um medo específico nos pasmados e fascinados murmúrios dos seus devotos acerca desse assunto, murmúrios cheios de uma mórbida curiosidade acerca da natureza precisa do que T'yog teria confrontado nesse assustador edifício pré-humano, na temível e agora submersa montanha antes do fim ter vindo (se é que este chegou a existir) — e senti-me estranhamente perturbado perante as referências oblíquas dos acadêmicos alemães em relação a este tópico.

Bem menos perturbantes eram as conjecturas de Von Juntz acerca do paradeiro do manuscrito roubado, cheio de encantamentos contra Ghatanothoa, e acerca dos usos mais extremos que poderemos dar a esse manuscrito. Apesar de ter a certeza de que todo esse assunto era puramente mítico, não posso deixar de sentir um certo arrepio perante a noção de uma possível emergência tardia desse deus monstruoso, e perante a ideia de uma Humanidade transformada subitamente numa raça de estátuas anormais, cada uma delas com um cérebro vivo, condenado a uma irreparável consciência inerte durante imensidões de épocas futuras. O velho intelectual de Düsseldorf tinha um modo venenoso de sugerir bem mais do que afirmava, e pude perceber finalmente por que razão o seu maldito livro fora proibido em tantos países como sendo blasfemo, perigoso e contaminador.

Sinto-me cheio de repulsa, se bem que esse mesmo livro me tivesse fascinado, não o podendo pousar antes de ter terminado a sua leitura. As alegadas reproduções de desenhos e ideogramas de Mu eram tão surpreendentes e maravilhosas como as gravuras nesse estranho cilindro e a escrita nesse rolo, e tudo isso se enchia de detalhes que tinham vagas e irritantes pareanças com coisas que se relacionavam com a hedionda múmia. O cilindro e o manuscrito... o cenário do Pacífico... a noção persistente do velho capitão Weatherbee de que esse cripta ciclópica, onde a múmia fora encontrada, estivera sob um enorme edifício... fez-me sentir contente ao pensar que essa ilha voltara a submergir, antes que a porta desse alçapão pudesse ter sido aberta.

#### IV

O que li no *Livro Negro* acabou por me preparar malevolamente para os acontecimentos relatados nos jornais, que começaram a chegar ao meu

conhecimento na Primavera de 1932. Mal me consigo lembrar de quando as frequentes notícias acerca da acção policial contra fantásticos cultos religiosos, no Oriente e em outros lugares, me começaram a impressionar. Mas, por Maio ou Junho, dei-me conta de que havia, pelo mundo inteiro, toda uma surpreendente e indesejada série de actividades por parte de organizações místicas bizarras, furtivas e esotéricas, regra geral silenciosas e pouco conhecidas.

Não seria de admirar que eu não tivesse relacionado essas notícias com as insinuações de Von Juntz ou com o furor popular causado pela múmia no museu e pelo cilindro, se não fossem algumas sílabas significativas de enormes pareças — sensacionalistamente mencionadas pela imprensa —, com os rituais e discursos de vários adoradores secretos trazidos à atenção pública. Tal como foi, não pude deixar de notar com alguma inquietação a frequente ocorrência de um nome — em várias formas corruptas — que parecia constituir o ponto fulcral de toda a adoração do culto, e que era obviamente mencionado com um misto de reverência e de terror. Algumas das palavras citadas eram G'tanta, Tanotah, Than-Tha, Gatan e Ktan-Tah — e não seriam precisas as sugestões dos meus agora numerosos correspondentes ocultistas, para me fazerem ver nessas variantes um hediondo parentesco com o nome que Von Juntz designava como Ghatanotah.

Havia também outros aspectos inquietantes. Vezes sem conta, as notícias que me chegavam citavam vagas referências de uma natureza religiosa a um «verdadeiro rolo manuscrito», algo que parecia desencadear tremendas consequências e que era mencionado como estando à guarda de um tal «Nagob», fosse este quem fosse. Do mesmo modo, havia incessantes repetições de um nome que me soava como Tog, Tiok, Yog, Zob, ou Tob, que a minha consciência, cada vez mais excitada, inevitavelmente ligava ao nome do infeliz herético T'yog, tal como este constava no *Livro Negro*. Este nome era geralmente pronunciado juntamente com as frases enigmáticas: «Não é outro senão ele», «Ele vira o seu rosto», «Ele sabe tudo, embora não possa ver nem sentir», «Ele trouxe a memória desde o fundo dos tempos», «O verdadeiro manuscrito libertá-lo-á», «Só ele sabe onde o encontrar».

Algo decerto muito estranho parecia andar no ar, e não fiquei admirado quando os meus correspondentes ocultistas, tal como os sensacionalistas jornais de domingo, começaram a relacionar esses aconteci-



mentos anormais com as lendas de Mu, por um lado; e com o recente interesse pela múmia, por outro. Os artigos muito difundidos na primeira onda publicitária da imprensa, com as suas insistentes ligações entre a múmia, o cilindro, o manuscrito e o relato do *Livro Negro*, já para não mencionar as suas fantásticas especulações acerca de todo esse assunto, poderiam muito bem ter acirrado o fanatismo latente em centenas desses grupos furtivos de estranhos devotos que abundam no nosso mundo complexo. Os jornais também não pararam de atirar achas para a fogueira, pois as histórias acerca da movimentação desses cultos eram ainda mais incríveis do que a anterior série de relatos.

À medida que o Verão se foi arrastando, os empregados notaram um novo e curioso elemento entre as multidões de visitantes que — após a breve acalmia que se seguiu à primeira onda de publicidade acerca do assunto — eram mais uma vez atraídos a esse museu, dado o furor mais recente. Cada vez com mais frequência, viam-se aí pessoas de aspecto estranho e exótico, asiáticos de pele muito morena, indivíduos de cabelo comprido, e homens escuros de barba que pareciam não estar habituados à roupa europeia. Estes perguntavam frequentemente pela sala das múmias, para depois serem vistos a olhar fixamente para esse hediondo espécime do Pacífico, num verdadeiro êxtase fascinado. Outros elementos mais calados e mais sinistros, nessa vaga de estrangeiros excêntricos, pareceram impressionar todos os guardas, e até eu me senti um pouco perturbado, pois não podia deixar de pensar no revivalismo do culto entre gente semelhante, e na relação de tal revivalismo com os mitos que se relacionavam com a múmia assustadora e com o seu manuscrito.

Veze houve em que me senti tentado a retirar a múmia de exposição, especialmente quando um dos empregados me contou que ele vira pessoas estranhas a fazer indescritíveis vénias diante da mesma, e ouvira um murmúrio de cânticos ou de rituais dirigidos a esse objecto, a horas em que não havia por aí tantos visitantes. Um dos guardas veio a ter estranhas alucinações nervosas acerca do horror petrificado nesse expositor, afirmando que, com o passar dos dias, se podia aperceber de mudanças vagas e extremamente subtis, sobretudo no arquear das suas ossudas garras, e também na expressão de medo desse rosto de couro. Não se conseguia libertar da ideia odiosa de que esses olhos saídos e enormes estavam prestes a abrirem-se de repente.

Foi já em finais de Setembro, quando as multidões curiosas começa-

ram a escassear, e a sala das múmias se encontrava por vezes vazia, que se deu uma tentativa de tocar na múmia, cortando o vidro do expositor. O culpado, um polinésio de tez muito escura, foi visto a tempo por um dos guardas, tendo sido controlado antes que quaisquer danos pudessem ter ocorrido. Após uma breve investigação, viemos a saber que se tratava de um havaiano, conhecido pelas suas actividades em certos cultos religiosos secretos, já com um cadastro considerável, relacionado com rituais anormais e inumanos e sacrifícios. Alguns dos papéis encontrados no seu quarto eram muito intrigantes e perturbadores, incluindo muitas folhas cobertas de hieróglifos que se assemelhavam bastante com os do rolo manuscrito no museu e com os do *Livro Negro* de Von Juntz, mas sobre essas coisas, ele recusava-se a falar.

Mais ou menos uma semana depois desse acidente, houve outra tentativa de alcançar a múmia, dessa vez tentando abrir a fechadura do expositor, o que acabou por resultar numa segunda detenção. O delinquente, um cingalês, tinha uma longa história duvidosa acerca de odiosos cultos e actividades, tal como o havaiano, apresentando uma grande falta de vontade de falar com a polícia. O que fez com que esse caso nos parecesse duplamente estranho e interessante, foi que um dos guardas já reparara nesse homem em outras ocasiões, ouvindo dirigir à múmia um cântico em particular que continha inconfundíveis repetições da palavra «T'yog». Como resultado de tal acontecimento, dupliquei os guardas na sala das múmias, pedindo-lhe que nunca levantassem os olhos do que era então um espécime famoso.

Como já seria de prever, a imprensa explorou bastante esses dois incidentes, relembrando o que já se dissera acerca da primeva e fabulosa Mu e afirmando sem qualquer espécie de reserva que essa múmia odiosa era afinal T'yog, petrificado por algo que ele vira na cidadela pré-humana que devassara, e preservado intacto durante os 175 mil anos da história turbulenta do nosso planeta. Que os estranhos devotos representassem cultos descendentes de Mu, e que estivessem a adorar a múmia — ou talvez a tentar acordá-la através de ladainhas e encantamentos —, foi reiterado e posto em evidência do modo mais sensacional.

Os escritores exploraram a insistência das velhas lendas no facto de o cérebro das vítimas petrificadas de Ghatanothoa permanecer consciente e intacto, algo que serviu como base para as mais loucas e improváveis especulações. A referência a «verdadeiro manuscrito» também foi alvo

de atenção, dado que, segundo a teoria popular mais propalada, o amuleto que T'yog usara contra Ghatanothoa ainda existia algures, e que os membros do culto estavam a tentar trazê-lo até junto do próprio T'yog por um motivo que só eles conheciam. Um dos resultados desse aproveitamento foi que uma terceira onda de visitantes pasmados começou uma vez mais a encher o museu, para olhar para essa múmia infernal que servia de núcleo a toda esse inusitado e perturbante assunto.

Foi entre essa onda de espectadores — muitos dos quais fizeram repetidas visitas — que o rumor da vaga mudança de aspecto dessa múmia se começou a espalhar. Suponho — apesar do incidente do guarda nervoso uns meses antes — que o pessoal do museu estava demasiado habituado a ver pessoas esquisitas, para prestar muita atenção aos detalhes. De qualquer modo, foram os murmúrios excitados dos visitantes que acabaram por alertar os guardas para a subtil mutação que se parecia estar a operar. Quase simultaneamente, a imprensa deu-se conta do que ia acontecendo, com os óbvios resultados que se poderão facilmente imaginar.

Como seria natural, observei de perto esse assunto e, por meados de Outubro, decidi que a múmia se estava definitivamente a desintegrar. Devido a alguma propriedade química ou física, essas fibras, metade pedra metade couro, pareciam estar gradualmente a distender-se, causando variações distintas no ângulo dos membros e em alguns detalhes do rosto distorcido pelo medo. Após meio século de preservação perfeita, esse era um desenvolvimento de que ninguém estava à espera, e pedi ao taxidermista do museu, o Dr. Moore, que examinasse cuidadosamente esse horrível objecto. Ele disse-me que havia um vago distender dos músculos e um amolecimento dos tecidos, após ter pulverizado, uma ou duas vezes, essa múmia com um líquido adstringente. Porém, não tentou algo de mais drástico para que esse objecto não se esboroasse ou pudesse começar a apodrecer.

O efeito de tudo isto sobre as multidões pasmadas foi curioso. Até esse momento, cada nova sensação levantada pela imprensa trouxera novas vagas de visitantes pasmados que murmuravam coisas entre dentes — embora os jornais não parassem de falar nas mudanças da múmia — e o público parecia ter adquirido claramente um certo medo que se parecia mesmo sobrepor à sua curiosidade mórbida. As pessoas pareciam pensar que uma aura sinistra pairava sobre o museu e, após as

já mencionadas multidões, o número de visitantes baixou como nunca antes se verificara. Essa baixa fora do normal tornou ainda mais proeminente o número de estrangeiros esquisitos que pareciam infestar esse lugar, e cujo número não parecia diminuir.

A 18 de Novembro, um peruano de sangue índio sofreu um estranho ataque histerico ou epiléptico em frente da múmia, gritando mais tarde, na sua cama de hospital: «Tentou abrir os olhos... T'yog tentou abrir os olhos e olhar para mim!» Estava dessa vez já convencido a retirar esse objecto de exposição; todavia, deixei-me ser derrotado num encontro com os nossos directores com tendências mais conservadoras. Não obstante, começava a aperceber-me de que o museu começava a adquirir uma reputação maldita nesse bairro austero e sossegado. Após esse incidente, dei ordens para que ninguém pudesse ficar parado, diante dessa monstruosa relíquia do Pacífico, por mais de alguns minutos de cada vez.

Foi já a 24 de Novembro, depois de o museu ter fechado às cinco da tarde, que um dos guardas reparou numa pequena abertura nos olhos da múmia. Tratava-se de algo muito ténue — nada senão um pequeno crescente de córnea, visível em cada olho —; contudo, não deixava de ser um acontecimento bastante interessante. O Dr. Moore, que fora chamado à pressa, estava prestes a estudar esses pequenos fragmentos de globo ocular com uma lupa, quando ao tocar na múmia fez com que as suas pálpebras de pele ressequida se voltassem a fechar. Todos os esforços para as voltar cuidadosamente a abrir acabaram por ser em vão, e o taxidermista recusou-se a tomar medidas drásticas. Quando me informou de tudo isto por telefone, senti uma espécie de sentimento de terror difícil de conciliar com esse simples acontecimento. Por momentos, era como se compartilhasse da impressão de que algo terrível, uma praga amorfa vinda do fundo do tempo e do espaço, pairava escura e ameaçadoramente sobre o museu.

Duas noites mais tarde, um filipino muito magro estava a tentar introduzir-se no museu à hora de encerramento. Detido e levado para a esquadra da polícia, recusou-se a revelar o seu nome, e ficou sob prisão, como sendo uma pessoa perigosa. Entretanto, a vigilância estrita da múmia parecia ter desencorajado as estranhas hordas de visitantes estrangeiros de lhe tentarem mexer. Por fim, o número de exóticos visitantes começou a baixar consideravelmente, depois de terem reforçado a ordem de não poderem parar muito tempo diante dela.

Foi durante as primeiras horas da manhã de quinta-feira, 1.º de Dezembro, que se atingiu um horrível clímax. Por volta da uma da manhã, ouviram-se horríveis gritos de medo e de agonia que saíam do museu, e uma série desesperada de telefonemas por parte dos vizinhos trouxe rápida e simultaneamente até aí um esquadrão da polícia e alguns empregados da instituição, onde eu me encontrava incluído. Alguns dos polícias cercaram o edifício, enquanto outros, juntamente com os empregados, entraram nele cuidadosamente. No corredor principal, vimos o guarda do turno da noite estrangulado — um pouco de sisal da Índia ainda lhe rodeava o pescoço — e notámos que, apesar de todas as precauções, algum malévolo intruso, ou intrusos, conseguira aí penetrar. Agora, porém, havia aí um silêncio de tumba que tudo parecia rodear e quase receámos subir até ao andar de cima, à ala fatídica onde sabíamos que outros problemas nos esperariam. Sentimo-nos melhor após termos iluminado muito bem o edifício, a partir dos interruptores centrais no corredor, para finalmente subirmos a escada em espiral e entrarmos, através de um imponente arco, na sala das múmias.

## V

Foi a partir dessa altura que as reportagens acerca desse caso hediondo começaram a ser censuradas — pois todos concordaram que nada de bom poderia advir de um conhecimento público dessa triste situação a que outros desenvolvimentos se vieram ligar. Disse que tínhamos inundado esse edifício de luz, antes de termos subido para o andar superior. Agora, por baixo dos focos de claridade brilhante que incidiam sobre os expositores e os seus mórbidos conteúdos, vimos crescer um mudo horror cujos detalhes intrigantes denunciavam acontecimentos muito para lá da nossa compreensão. Havia dois intrusos — que mais tarde todos concordámos se terem escondido no edifício antes da hora de fechar —, mas estes nunca seriam executados pelo homicídio do guarda. Já tinham pago bem caro pelo seu atrevimento...

Um era birmanês e o outro das ilhas Fiji — ambos conhecidos da polícia por terem participado em repulsivas actividades religiosas. Estavam mortos e, quanto mais os examinávamos, mais pensávamos que

ambos tinham morrido de um modo monstruoso e inominável. Nos seus rostos, havia uma expressão inumana de medo que mesmo o polícia mais velho nunca antes observara; contudo, no que dizia respeito ao estado dos seus corpos, havia diferenças significativas.

O birmanês estava estendido no chão, perto do expositor da execrada múmia, onde um quadrado de vidro fora regularmente cortado. Na sua mão direita, tinha um rolo de uma membrana azulada que eu vi logo estar coberto de estranhos hieróglifos — quase um duplicado do manuscrito no estranho cilindro que se encontrava na biblioteca da cave, se bem que um exame mais detalhado tivesse aí detectado subtis diferenças. Não havia sinais de violência nesse corpo e, dada a desesperada e agonizante expressão nesse rosto contorcido, podíamos apenas concluir que o homem morrera efectivamente de medo.

Foi o habitante de Fiji, cujo corpo estava próximo do outro cadáver, que nos provocou o mais profundo choque. Um dos polícias fora o primeiro a tocar-lhe, e o seu grito de medo trouxe outro arrepio à noite de terror de todo o bairro. Deveríamos ter reparado que, dada a letal cor cinzenta num rosto contorcido, que em tempos fora o de um indivíduo de pele muito escura, e as mãos ossudas — uma delas ainda a segurar uma lanterna eléctrica —, havia aí algo de tremendamente errado. Contudo, todos estávamos pouco preparados para o que o toque hesitante desse agente acabou por revelar. Mesmo agora, só consigo pensar nisso com o paroxismo do arrepio e da repulsa. Em suma, o corpo desse pobre intruso, que, ainda há menos de uma hora, era um encorpado melanésio vivo e dedicado a malévolas actividades desconhecidas, estava agora rígido como o de uma estátua cinzenta de pedra e de couro, em tudo idêntica a essa acorada blasfémia, vinda do fundo dos tempos, que se encontrava no expositor arrombado.

No entanto, não foi isso o pior. Coroando todos os outros horrores e, de facto, capturando a nossa chocada atenção, antes de termos reparado nos cadáveres que estavam estendidos, havia o olhar dessa assustadora múmia. As suas mudanças já poderiam ser designadas como vagas e subtis, pois mudara agora radicalmente de posição. Tinha descaído sobre si mesma com uma curiosa ausência de rigidez; as suas garras ossudas tinham baixado até já não cobrirem em parte o seu rosto de couro, percorrido por uma expressão de medo e — que Deus nos ajude! — *os seus infernais olhos saídos estavam agora completamente abertos, parecen-*

*do estar a olhar para os dois intrusos que teriam morrido de medo ou de qualquer outra coisa ainda pior.*

Esses fantasmagóricos olhos de peixe eram horrivelmente hipnóticos e afectaram-nos durante todo o tempo em que estivemos a examinar os corpos dos intrusos. O seu efeito sobre os nossos nervos era muito estranho, pois sentimos, até certo ponto, que uma certa rigidez nos dominava, parecendo impedir os nossos movimentos mais simples — uma rigidez que, mais tarde, acabou por desaparecer de um modo curioso, logo que passámos uns aos outros esse rolo cheio de hieróglifos. Uma vez por outra, senti que o meu olhar era atraído irresistivelmente para esses horríveis olhos saídos no expositor e, logo que decidi começar a estudá-los, depois de ter observado os cadáveres, pensei ter notado algo muito peculiar acerca da superfície vidrada dessas pupilas escuras maravilhosamente preservadas. Quanto mais as olhava, mais fascinado ia ficando e, por fim, desci até ao escritório — apesar da estranha rigidez nos meus membros — para trazer comigo várias lupas com lentes muito potentes. Foi com elas que comecei a examinar esses olhos de peixe, enquanto os outros se reuniam inesperadamente à minha volta.

Sempre desconfieei muito da teoria que afirma que certos cenários e objectos permanecem fotografados na retina, em casos de morte ou de coma. Porém, assim que olhei através da lupa, apercebi-me logo da presença de uma espécie de imagem diferente da sala reflectida nos olhos muito saídos dessa inominável criatura vinda do fundo dos tempos. De certo, havia algo que se desenhava na superfície dessa antiquíssima retina, e eu já não podia duvidar de que se tratava da última coisa que esses mesmos olhos tinham visto em vida, há já inúmeros milénios. Parecia estar a desaparecer, e eu voltei a examinar essa imagem muito bem, com o auxílio de uma das minhas lupas. Contudo, deveria ter sido uma imagem muito nítida e real, ainda que infinitesimalmente pequena, quando — em resposta a um malévolo encantamento ou acto relacionado com a inesperada visita — confrontara esses intrusos que tinham morrido de susto. Com uma outra lupa, podia agora ver muitos detalhes que antes eram invisíveis, e o espantado grupo à minha volta ficou à escuta da torrente de palavras com que tentei expressar o que estava a ver.

Pois aí mesmo, em 1932, um homem da cidade de Boston estava a olhar para qualquer coisa que pertencera a um mundo imensamente distante e alienígena — um mundo que desaparecera, da memória



normal e da existência, há muitos milénios, já para não mencionar uma câmara ciclópica de alvenaria — que eu parecia estar a ver a partir de um dos cantos. Nas paredes, havia relevos tão horríveis que, mesmo nessa imagem imperfeita, a bestialidade e a qualidade blasfema dos mesmos me agoniou. Não podia acreditar que os que tal tinham cinzelado eram humanos, ou que teriam mesmo chegado a ver seres humanos ao desenharem essas assustadoras linhas que pareciam olhar para o espectador. No centro dessa câmara via-se uma prodigiosa porta aberta de alçapão, para permitir assim a saída de qualquer coisa vinda das profundezas. Esse objecto deveria ter sido claramente visível — com efeito, tê-lo-ia sido, quando os olhos se abriram para os malogrados intrusos, embora, sob a minha lente, fosse apenas uma mancha monstruosa.

Estava eu a estudar o olho direito, quando tentei voltar a aumentar o que via. Momentos depois, desejei ardentemente que a minha pesquisa aí tivesse terminado. Contudo, o zelo da descoberta e da revelação tinham-me dominado, e eu voltei essas lentes poderosas para o olho esquerdo da múmia, na esperança de encontrar uma imagem menos esbatida nessa retina. As minhas mãos, a tremerem de excitação e ainda um pouco rígidas devido a alguma influência obscura, foram lentas a focar a lupa; porém, instantes mais tarde, vi que a imagem era menos esbatida do que a do outro olho. Observei, num instante mórbido de quase nitidez, o monstro que estava a sair do alçapão nessa ciclópica cripta de um mundo perdido, e desmaiei com um grito, se bem que nunca me tivesse envergonhado por isso.

Logo que voltei a mim, já não havia qualquer imagem distinta nos olhos dessa múmia monstruosa. Keefe, o sargento da polícia, olhou para os mesmos com a minha lupa, pois eu não me atrevia a contemplar uma vez mais essa anormal entidade. E ainda agradeço a todos os poderes do cosmo não ter examinado esses olhos mais cedo. Precisei de muita coragem, e de instantes pedidos, para relatar o que vira nesse hediondo instante de revelação. De facto, não consegui falar até termos chegado ao escritório no andar de baixo, fora da proximidade dessa incrível coisa demoníaca. Pois começava a entreter as noções mais fantásticas acerca da múmia e dos seus vidrados olhos saídos... Começava a pensar que essa tinha uma espécie de consciência infernal, vendo tudo o que ocorria em frente dela e tentando em vão comunicar uma assustadora mensa-

gem desde os abismos do tempo. Tudo isso era uma loucura, mas, por fim, pensei que me iria sentir melhor se relatasse o que aí entrevira.

Apesar de tudo, não se tratava de algo que demorasse muito tempo a contar. Saindo da aberta porta do alçapão, nessa cripta ciclópica, eu vira uma monstruosidade tão incrível que não poderia ter dúvidas de que um tal ser pudesse matar com o olhar. Mesmo agora, não consigo dar expressão a uma ideia mais clara da mesma, com palavras que possam estar ao meu alcance. Posso apenas afirmar que era algo gigantesco, cheio de tentáculos... com uma tromba e olhos de polvo... semiamorfo... maleável... com partes escamosas e rugosas... um horror!... Mas nada que eu pudesse dizer poderia, com efeito, descrever essa aventesma odiosa, profana, não-humana, e vinda de uma outra galáxia, nem a indizível malvadez dessa criatura, filha do caos de uma noite ilimitada. Ao escrever estas frases, as imagens mentais que a ela se associam fazem com que me tenha de recostar melhor na cadeira e me sinta fraco e até um pouco agoniado. Ao relatar tudo isso aos homens que se tinham sentado à minha volta no escritório, tive de fazer um grande esforço para não voltar a perder os sentidos.

Os meus ouvintes nem sequer se mexeram. Nenhum deles falou acima de um vago murmúrio durante um quarto de hora, e havia referências meio furtivas e de espanto às espantosas tradições relatadas no *Livro Negro*, às recentes notícias nos jornais, acerca do revivalismo de certos cultos, e aos sinistros acontecimentos no museu. Ghatanothoa... Mesmo a sua mais ínfima imagem perfeita poderia petrificar alguém... T'yog... o falso manuscrito... ele nunca regressou... Será que o verdadeiro manuscrito, que poderia completamente ou em parte contrariar a petrificação, teria sobrevivido?... Os cultos demoníacos... as frases que se ouviam: «Não é senão ele»... «Ele olhou para o seu rosto»... «Ele de tudo sabe, embora não possa ver nem sentir»... «Ele trouxe-nos essa memória desde o fundo dos tempos»... «O verdadeiro manuscrito libertá-lo-á»... «Nagob possui o verdadeiro manuscrito»... «Só ele sabe onde o encontrar». Apenas o acinzentado revigorante da manhã que nascia nos trouxe a sanidade mental; uma sanidade que fez com que o que eu tivesse visto passasse a ser um tópico encerrado... algo que não seria explicado e em que ninguém voltaria a pensar.

Só fornecemos relatos parciais à imprensa e, mais tarde, chegámos mesmo a cooperar com os jornais no que dizia respeito a outras supres-

sões. Quando, por exemplo, a autópsia mostrou que o cérebro e outros órgãos internos do petrificado habitante de Fiji se encontravam intactos, embora hermeticamente contidos no interior da carne pétrea — uma anomalia que os médicos ainda discutem à porta fechada —, a fim de não provocar outro furor. Sabíamos muito bem o que os jornais sensacionalistas, ao lembrarem-se do que fora mencionado acerca do cérebro intacto e ainda consciente de outras vítimas de Ghatanothoa, iriam fazer com essa informação.

Tal como prevíamos, chamaram a atenção para o facto de o homem com o manuscrito cheio de hieróglifos — e que, evidentemente, o atirara à múmia através da abertura no expositor — não ter sido petrificado, enquanto o homem que o detinha se ter tornado uma vítima. Quando nos pediram para fazermos algumas experiências — aplicando o manuscrito, quer sobre o corpo do homem de Fiji quer sobre a múmia —, dissemos, de um modo indignado, que não iríamos alimentar tais superstições. É óbvio que a múmia foi retirada de exposição e transferida para o laboratório do museu à espera de um verdadeiro exame levado a cabo por uma adequada autoridade médica. Ainda recordados de acontecimentos prévios, mantivemo-la sob estrita vigilância. Contudo, mesmo assim, verificou-se uma tentativa de entrar no museu às duas e vinte e cinco da madrugada do dia 5 de Dezembro. O alarme acabou por pôr fim a essa tentativa, embora o assaltante, ou assaltantes, tivessem podido escapar.

Dou graças a Deus ao saber que mais nenhum detalhe se tornou do conhecimento público, e oxalá nada mais houvesse a dizer. Haverá, no entanto, certas fugas de informação e, se qualquer coisa me acontecer, não sei o que os meus executores testamentários irão fazer com este meu manuscrito. Pelo menos, o caso não estará ainda dolorosamente fresco na memória das multidões, logo que se lhes faça a revelação. Para além disso, ninguém irá acreditar nos factos quando estes forem finalmente divulgados. Essa é a característica curiosa acerca da multidão. Logo que a imprensa sensacionalista começar a fazer insinuações, estarão prontos a engolir tudo; porém, quando uma revelação espantosa e anormal lhes for feita, irão rir-se e dizer que se trata de uma mentira. Por amor à sanidade mental de toda a gente, talvez seja melhor assim.

Já mencionei que um exame detalhado dessa assustadora múmia fora planeado. Tal veio a ocorrer a 8 de Dezembro, exactamente uma se-

mana depois do hediondo auge de acontecimentos. Esse mesmo exame ficou a cargo do Dr. William Minot, juntamente com Wentworth Moore, doutorado em ciências e taxidermista do museu. O Dr. Minot tinha presenciado a autópsia do habitante de Fiji estranhamente petrificado, algumas semanas antes. Também estavam presentes os senhores Lawrence Cabot e Dudley Slatonstall, membros do Conselho de Administração do museu, os doutores Mason, Wells e Carver, que faziam parte do pessoal, dois representantes da imprensa e eu próprio. Durante a semana, a condição desse hediondo espécime não mudara, embora alguma distensão das suas fibras musculares tivesse feito com que a posição desses olhos vítreos e abertos mudassem um pouco. Todo o pessoal evitava agora, tanto quanto possível, olhar para essa aventesma — pois a sensação de que a mesma se encontrava silenciosamente à espreita, tornara-se insuportável — e foi apenas com algum esforço que eu consegui forçar-me a comparecer.

O Dr. Minot apareceu pouco depois da uma da tarde e não demorou até ter começado a examinar essa múmia. Uma desintegração considerável ocorreu sob as suas mãos e, visto isso — e o que lhe dissemos acerca da distensão muscular que se verificara nesse espécime desde o dia 1 de Outubro —, ele decidiu que uma completa dissecação deveria ser feita, antes que esse corpo começasse a sofrer os efeitos da desintegração. Dado que os instrumentos apropriados se encontravam entre o equipamento do laboratório, o médico não perdeu tempo, exclamando em voz alta, devido à natureza fibrosa desse acinzentado corpo mumificado.

Mas as suas exclamações tornaram-se ainda mais audíveis logo que ele procedeu à incisão mais profunda, pois, desse corte, libertou-se um líquido espesso e vermelho cuja natureza — apesar das épocas infinitas que nos separavam do tempo em que essa múmia infernal vivera — era verdadeiramente inconfundível. Uma série de subsequentes e dextros cortes revelou vários órgãos com um espantoso grau de preservação não-petrificada — estando todos eles, de facto, intactos, excepto nos locais em que contusões no exterior lhes provocara alterações ou os destruíra. A semelhança deste estado de coisas, com o que já se verificara nesse habitante de Fiji que morrera de medo, era tão intensa, que o eminente médico quase começou a ofegar de surpresa. A perfeição desses fantasmagóricos olhos saídos era indescritivelmente assustadora,

e o seu estado perfeito, em relação à petrificação, era muito difícil de determinar.

Às três e meia da tarde abriu-se a caixa craniana, e não tardou dez minutos até que o nosso surpreendido grupo fizesse um juramento em como manteria para sempre segredo acerca de algo que apenas alguns documentos bem guardados e este manuscrito poderiam vir a revelar. Até mesmo os dois repórteres foram os primeiros a sugerir nunca mencionarem o que tinham visto, *pois essa abertura revelara um cérebro vivo que ainda pulsava.*

FIM